

A ESTÉTICA ROMÂNTICA E O CONTEXTO POLÍTICO-CULTURAL

META

Apresentar a estética romântica como marco para a transformação da arte e da literatura europeias, com destaque para a produção literária portuguesa, e mesmo como fator determinante para a construção de identidades literárias nacionais.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

conhecer o panorama social, histórico e literário da Europa e de Portugal da primeira metade do século XIX;

entender o desenvolvimento da arte literária ocidental, a partir dos novos paradigmas instaurados pelo Romantismo;

compreender conceitos como “liberalismo político”, “nacionalismo literário”, “egocentrismo”, “liberdade criadora”, “burguesia” e “mal-do-século”;

reconhecer as características gerais da estética romântica nas produções artístico-literárias.

PRÉ-REQUISITOS

Leitura da aula sobre o Arcadismo português.

Informações sobre a Revolução Francesa, a queda de regimes absolutistas, o contexto político das colônias americanas e africanas, o desenvolvimento e a propagação da imprensa.



O inglês Joseph Addison foi um dos artistas que ajudou na transformação do pensamento do século XVII, com obras como *Os Prazeres da Imaginação* (Fontes: <http://www.gutenberg.org>)

INTRODUÇÃO



A Liberdade guiando o povo, Delacroix, 1830 (fontes: [www. http://amacaca.files.wordpress.com](http://amacaca.files.wordpress.com))

O último romântico

Faltava abandonar a velha escola
Tomar o mundo feito coca-cola
Fazer da minha vida sempre
O meu passeio público
E ao mesmo tempo fazer dela
O meu caminho só
Único

Talvez eu seja
O último romântico
Dos litorais
Desse Oceano Atlântico...

Só falta reunir
A zona norte à zona sul
Iluminar a vida
Já que a morte cai do azul...

Só falta te querer
Te ganhar e te perder
Falta eu acordar
Ser gente grande
Prá poder chorar...

Me dá um beijo, então
Aperta a minha mão
Tolice é viver a vida
Assim, sem aventura...

Deixa ser
Pelo coração
Se é loucura então
Melhor não ter razão...

(Composição de Lulu Santos, Antônio Cícero e Sérgio Souza)

Meu caro aluno, vamos estudar agora a escola romântica (século XIX); entretanto, muitos compositores atuais se dizem românticos; como ocorre isso? Você sabe por quê?

O termo romântico, ora adjetivo, ora substantivo e o substantivo “Romantismo” recebem, na sociedade ocidental, sentidos quase imediatos. Basta ouvirmos uma música que fale de amor, principalmente de forma sentimental e subjetiva, para que a caracterizemos como “romântica”, não é verdade?. Basta também sabermos de gestos como dar flores ou escrever poemas ao ser amado, sofrer por amor ouvindo músicas sentimentais ou privilegiar a “voz do coração” em detrimento da “voz da razão” para identificar o autor ou a autora dessas ações como um ou uma adepto/a ao Romantismo. Tão fácil é, portanto, a relação entre amor, galanteio, subjetivismo e melancolia aos dois termos que chega a ser confuso compreender “Romantismo” e “romântico” como conceitos que definem uma estética e uma filosofia típicas de um período da história da humanidade. Ou seja, o Romantismo, como estética e filosofia (modo de pensar ou visão de mundo), se aderiu de tal modo ao pensamento e ao sentimento humano que se tornou mais fácil reconhecê-lo em meio a gestos e manifestações corriqueiras do nosso dia-a-dia do que propriamente nas manifestações artísticas realmente características do movimento ocorrido no século XIX.

Você, como aluno de Literatura, poderia facilmente, e de forma equivocada, identificar como “romântica” uma canção como a de Lulu Santos, quando ela é uma manifestação típica da pós-modernidade. Assim, é necessário compreender o Romantismo como uma estética para, posteriormente, ser capaz de reconhecer as diferenças entre produções específicas de um período estético e histórico e outras produções, anteri-

ores e posteriores a esse movimento que, por apresentarem registros que dialogam com a estética romântica, permitem, perfeitamente, as analogias.

O Romantismo na Literatura Portuguesa será estudado em três aulas, cabendo a esta destacar o contexto histórico, as origens, as características e as principais manifestações românticas na cultura europeia, já enfatizando Portugal como centro de nossas reflexões. Nesta aula, portanto, pretendemos que você, conhecendo a estética romântica, resultado de interpenetrações de fenômenos políticos, ideológicos, históricos e artísticos, possa, ao mesmo tempo, refletir mais profundamente sobre os fatores que levaram à adesão popular a essa forma de ver a vida e o mundo, perpetuando-a além dos limites do século XIX e, mais especificamente, compreender a importância deste momento na história da Literatura Portuguesa.

O CONCEITO DE ROMANTISMO, AS ORIGENS E AS CARACTERÍSTICAS

Romantismo é um conceito geral que define um conjunto de movimentos intelectuais, que, privilegiando os sentimentos, em detrimento da postura racional característica do pensamento e da estética clássicas, começaram, a partir do final do século XVIII a contaminar a criação artística e, principalmente, o modo de ver o papel do artista na sociedade. Entretanto, o adjetivo “romântico” já havia sido usado, por exemplo, pelo padre Rapin, em 1674, ao se referir à poesia de Pulci, Boiardo e Ariosto, o que demonstra, como já comentamos, a amplitude do termo. Aos poucos, a palavra “romântico” foi ganhando mais espaço nas reflexões críticas sobre arte e literatura na Inglaterra, na Alemanha e na França, até que, nos primeiros anos do século XIX, o termo já definia uma tendência estética.

Filosoficamente, o termo relaciona-se ao conjunto das filosofias alemãs que, no início do século XIX, lutaram contra o espírito racionalista do século XVIII. Esteticamente, o Romantismo abrange a pintura, a escultura, a arquitetura, a música e a literatura. No âmbito da filosofia estética que sustenta essas manifestações artísticas estão presentes, principalmente, a rebelião contra o formalismo e disciplina intelectual do Neoclassicismo, o reconhecimento da individualidade artística e o decorrente direito à soberania da expressão individual.

O Romantismo é o primado do individualismo, da emoção pessoal sobre a ideia clara, e a busca da felicidade na paixão. Encontramos neste momento a expressão livre da sensibilidade, a religiosidade e a melancolia (o mal du siècle), a preponderância da imaginação sobre a razão e a ação, a fuga para o sonho, para o misterioso, o exótico, o pitoresco ou o passado. O sonho poético, a paixão fatal, a contemplação da natureza e o gênio incompreendido são as principais temáticas românticas.

Dois países estão no centro da irradiação dos novos pensamentos: Alemanha e Inglaterra. Em meados do século XVIII já se começam a sentir as vibrações da nova corrente que iria abrir espaço para uma consciência criadora jamais existente até então. O culto do pitoresco, traduzido nos jardins ingleses, em que grutas, lagos, ruínas e pontes se integram a elementos naturais numa proposta contra o artificialismo neoclássico; e o apelo vigoroso à liberdade criadora do movimento literário alemão conhecido como Sturm und Drang (Tempestade e Ímpeto, 1767-85), através do qual Johann Georg Hamann, Johann Gottfried von Herder e Goethe reagem contra a ditadura estética clássica, lançando as bases da emotividade, do pessimismo, da melancolia e da valorização da morte como formas de evasão do indivíduo em conflito com a sociedade, são os primeiros marcos da implantação do espírito romântico na cultura europeia.

Cabe lembrar que o “belo”, como categoria estética fundamental da concepção clássica, definia os parâmetros da criação artística, desviando os artistas de temáticas que não pudessem ser fonte para a expressão da harmonia absoluta das proporções. Essa limitação, todavia, começou a gerar insatisfação entre artistas que, conectados com seu tempo e com as evidentes transformações históricas e sociais geradas por acontecimentos como a Revolução Industrial, a Revolução Francesa, a decadência do absolutismo e a ascensão da classe burguesa, viam-se castrados em seu papel de pensar e traduzir o mundo. O centramento na busca pelo “belo” determinou outro conceito, o de Beaux-Arts (Belas Artes), e parecia ter estagnado a criação artística naquilo que ela deveria ter de revolucionária e antenada com o futuro.

A leitura que Boileau, em 1674, fez dos textos de Longinus (ou Pseudo-Longinus), datados do século I, e a publicação, em 1757, do livro *Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and the Beautiful*, de Burke, iriam dar margem a outra interpretação de “arte”. Longinus, em seu tratado, privilegiou o enfoque na arte como expressão de “um grande espírito” e, a partir desse enfoque, considerou, também, os efeitos da arte, ou a “extasia”. Com esse recorte, Longinus deu relevância ao poder do artista no sentido de provocar efeitos na recepção da obra de arte não a partir da técnica ou da simetria harmônica dos elementos, mas a partir de sua própria capacidade imaginativa e expressão pessoal. Assim, a interpretação ou a atualização do pensamento de Longinus sobre a criação artística diminuiria sensivelmente o poder do artifício sobre a qualidade imaginativa individual, abrindo espaço para as transformações conceituais e as decorrentes manifestações artísticas. Também a obra *Os prazeres da imaginação*, do inglês Joseph Addison (1672-1719), que traduz pensamentos como “A nossa imaginação gosta de ser absorvida por um objecto ou agarrar-se ao que não pode encerrar nos seus limites” (*Enciclopédia do romantismo*, p.10), serviu de fonte para a transformação do pensamento do século XVIII.

O fato de Alemanha e Inglaterra estarem no centro das irradiações do novo pensamento é facilmente compreensível se nos damos conta de que o Neoclassicismo na França teve um lastro e um esplendor muito mais fortes que nesses dois países. Na França o Romantismo não conseguiu abrir espaço sem, antes, passar por embates com correntes clássicas, enquanto que nos outros dois países a aceitação das novas tendências sofreu menos entraves. Todavia, ainda que se relacionem as origens do Romantismo à Alemanha e à Inglaterra, seria a França um dos principais polos de circulação da nova estética, já que os ideais da Revolução Francesa, contaminando a sociedade com a ideia de progresso e transformação, e a sólida base cultural desse povo seguiriam sendo fonte de inspiração para outras culturas. Assim, aderindo ao espírito romântico, a França acaba por tornar-se também referente importante para a compreensão da presença do Romantismo no Ocidente.

Outros países, como Itália, Espanha, Portugal e Áustria, entre outros, foram, pouco a pouco, sofrendo a influência de seus vizinhos e incorporando às tendências românticas traços próprios e particulares. O mesmo se deu com os países colonizados na América, que, justamente sob a influência dos ares românticos europeus começaram a romper os laços com seus colonizadores.

Em nível mais abrangente, fatores como as constantes guerras e revoluções na Europa e nos países colonizados, a queda das aristocracias, do clero e das elites e a existência de um novo tipo de público, derivado da sociedade burguesa, incidirão para que esse novo olhar sobre a sociedade e a criação artística ganhe adesão e significado. No âmbito específico da arte literária, o crescimento da produção jornalística e o da circulação e recepção de textos literários promoverão um encontro entre escritor e leitor jamais existente até então. Convém lembrar que, neste sentido, o espírito elitista e seletivo dos leitores clássicos será substituído por um espírito popular, ávido de leituras que, ao mesmo tempo, informem e emocionem, ainda que, para isso, tenham que, em sua concepção, estar liberadas de hermetismos e erudição.

Outro importante aspecto do Romantismo é seu vínculo com a luta das maiorias oprimidas pela liberdade de expressão. A camada burguesa da sociedade já tinha consciência de sua importância política e econômica, e essa consciência, aliada à visão de “nação” não mais como um referente centrado na figura do soberano, mas como algo inseparável da categoria “povo”, levará para as artes o papel de reconfigurar a identidade artística de cada povo, o que permitiu que a estética romântica fosse muito mais aberta às diferenças culturais que qualquer estética anterior. Ainda assim, podemos definir uma série de “características” que permitem o reconhecimento da estética romântica. Chega a ser, inclusive, exaustivo, o número de características estudado por críticos, teóricos e historiadores. Vejamos a relação que apresentam dois críticos brasileiros: Alcmenon Bastos e Domício Proença Filho:

a. segundo Alcimeno Bastos: idealismo, individualismo, escapismo, passadismo, historicismo, onirismo, exotismo, sobrenaturalismo, a morte como tema, reformismo, sentimentalismo, subjetivismo, espiritualismo, nacionalismo, culto da natureza, indianismo e liberdade criadora. (p.45-69)

b. segundo Domício Proença Filho: cosmovisão marcada pelo choque com o cotidiano imediato, imaginação criadora, subjetivismo, sentimentalismo, evasão (ou escapismo), senso do mistério, consciência da solidão, reformismo, sonho, ilogismo, culto da natureza, retorno ao passado, gosto do pitoresco, exagero, liberdade criadora, ânsia de glória, importância da paisagem, gosto pelas ruínas, gosto pelo noturno, idealização da mulher, função sacralizadora da arte (repulsa ao sentido utilitarista da moral burguesa/arte relacionada à função de “salvadora do mundo”), mistura de gêneros literários, nova feição da poesia, variação no romance e renovação no teatro. (p.189)

Todas essas características podem ser, entretanto, abreviadas em cinco aspectos: o escapismo, aspecto que evidencia a tendência romântica a diversos tipos de “fuga”, seja através do onirismo, do sobrenaturalismo, do passadismo, do exotismo, da idealização ou mesmo da morte; o culto à natureza, incluindo a valorização dos aspectos particulares das naturezas locais e os referentes étnicos; o subjetivismo, aspecto que evidencia a supremacia do eu, da emoção (positiva ou negativa, efusiva ou melancólica) e das temáticas amorosa e religiosa; o nacionalismo, que abre espaço aos referentes social, político e cultural e valoriza práticas como o folclorismo e a revisão do período medieval (base das identidades nacionais europeias); e, finalmente, a liberdade criadora, que propiciará a transformação dos elementos estéticos clássicos e o surgimento de novas formas de expressão. No que se refere à Literatura, por exemplo, teremos, como nunca, manifestações literárias híbridas que, mais adiante, determinarão transformações no próprio terreno da teoria e da crítica literárias. Na aula 2 teremos oportunidade de observar o modo como essas marcas do Romantismo podem ser observadas na poesia portuguesa. E, a aula 3, veremos o mesmo em relação à prosa.

De modo geral, costuma-se considerar 1825 como o ano de implantação “oficial” do Romantismo na Europa e 1850 como o ano de seu esgotamento. Mas essas datas são discutíveis se consideramos as diferentes nações e a circulação das tendências românticas, como, por exemplo, a poesia social que perdurou por mais tempo.

A necessidade de se voltar à razão para poder repensar as estruturas sociais vai fazer com que os ideais românticos se transformem em tentativas de maior pragmatismo. Desse modo, o Realismo, como uma natural consequência da busca romântica por novos rumos para o mundo e para o homem, substituirá o centramento na subjetividade e no idealismo por

um novo modo de racionalizar a existência humana, agora não mais a partir do recurso ao artifício, mas a partir da confluência entre dados diretamente observados da realidade, novos parâmetros científicos e a herança da ruptura romântica com padrões estéticos.

O ROMANTISMO E AS OUTRAS ARTES

A estética romântica contaminou todas as formas de manifestação artística, todavia, por suas peculiaridades, cada uma dessas manifestações apresentou traços ou maneiras próprias de desenvolver e materializar o espírito romântico. Assim, veremos agora, em comentários breves, como a pintura, a arquitetura, a escultura e a música romântica se caracterizaram como expressões artísticas do Romantismo.



Copyright © 2000 National Gallery, London. All rights reserved.

Ulisses zombando de Polifemo – Odisséia, de Homero, William Turner, 1829 (<http://www.fflch.usp.br>)

A PINTURA ROMÂNTICA

Na pintura, nomes como o alemão Caspar Friedrich (174-1840), o inglês William Turner (1775-1851) e os franceses Théodore Géricault (1791-1824) e Eugène Delacroix (1798-1863) revolucionaram as concepções estéticas de até então, levando para a pintura certa desordem, através da qual expressavam melodramaticamente suas emoções. Essa liberação das formas ordenadas, gerando em seus quadros um apelo estético ao caótico, seria mais adiante, o grande elemento definidor da arte moderna. O espírito romântico de ruptura com os convencionalismos da arte pictural viria, portanto, a influenciar muitos dos artistas que, a partir da metade do

século XIX fariam da pintura uma das artes mais contundentes no que se refere ao corte com as tradições estéticas. Ficou famoso, como registro do embate entre a tradição e a ruptura, o enfrentamento entre os pintores Ingres e Delacroix. O quadro *Tormenta na neve*, de Turner, é um ícone da presença do elemento caótico na pintura. Observe o “movimento” que o quadro sugere, indefinindo os elementos que integram a paisagem:



Tormenta na neve, William Turner, 1842 (fontes: [www. http://victorian.lang.nagoya-u.ac.jp](http://victorian.lang.nagoya-u.ac.jp))

Observe que, na pintura romântica, a natureza recebe grande destaque. Paisagens de dimensões espetaculares, carregadas de dramaticidade, nostalgia e sonho, buscam relacionar o espaço natural ao sentimento humano, fazendo da natureza ora um testemunho da experiência existencial humana ora uma força maior e indiferente ao destino dos homens. Assim, encontramos obras em que ruínas em meio a uma natureza quase selvagem simbolizam a subordinação do ser humano à natureza e outras, em que a presença humana parece diluída na comparação com a grandeza dos elementos naturais. O estado de contemplação do homem em relação à natureza acentua o valor metafísico desta e a valorização dos estados da alma.

Também a pintura histórica é bastante recorrente, dada a preocupação dos românticos com o resgate da história e a construção da identidade nacional. O passado é exaltado sob forma de referências literárias e lendárias, de exaltação a heroísmos e ao valor ético das ações humanas. De outro lado, encontramos, dentro da tendência escapista, pinturas oníricas, privilegiando o sonho, e exótico e o repúdio à razão. No âmbito da ênfase ao indivíduo, teremos retratos que buscam captar o sentimento e a subjetividade individual.

Outro aspecto importante a ser visto é o apelo social de muitas obras, que buscam refletir sobre relações de poder, transformações sociais, justiça e igualdade. Ficaram famosas, por esse apelo, entre outras, *A liberdade guiando o povo*, de Delacroix, que abre esta aula e *A barca de Medusa*, de Gericault, que veremos mais adiante.

Tecnicamente, é fácil verificar, nas pinturas românticas, o recurso da composição em pirâmide, as pinceladas largas, a sugestão de movimento, contrastes de cor e claros-escuros que lembram a pintura barroca.

Em Portugal, Auguste Roquemont, Tomás da Anunciação, João Cristino da Silva e Metrass foram os pintores românticos mais destacados. Cenas populares e temáticas religiosas são abundantes. Muito famosa é a obra intitulada *Só Deus*, de Metrass, em que uma mulher, carregando seu bebê, é arrastada pela correnteza, numa referência ao dilúvio e ao poder divino.



Dante e Vergílio nos Infernos, Delacroix, 1822.(fontes: <http://www.planetasapiens.com>)



A barca de Medusa, Gericault, 1819 (fontes: <http://elfriede7.files.wordpress.com>)



Só Deus, Metrass, 1855 (fontes: <http://www.4.bp.blogspot.com>)

A ARQUITETURA ROMÂNTICA

Na arquitetura, a tônica romântica foi o “Revivalismo”, expressão artística que buscava inspiração em estilos de outras épocas, criando os “neos”: Neogótico, Neomanuelino, Neobarroco, Neoromânico, Neoárabe, Neogípcio, etc., além de fontes de natureza exótica, como o Neohindu, a Chinoiserie e a Japoniserie. Em Portugal têm especial importância o Neomanuelino, o Neoárabe e o Neobizantino.

Além dessa tendência, outra foi importante: a combinação de elementos arquitetônicos e decorativos de origens estéticas diversas, gerando um “Eclétismo” compatível com o que já dissemos acerca da presença do caótico na estética romântica. Essa característica, na arquitetura, gerou críticas negativas a muitas das construções monumentais cujo eclétismo não chegava sequer a ser compreendido. O aspecto funcional que sempre caracterizou a arte arquitetônica perde força no Romantismo, quando muitos recursos ganham apenas função decorativa, o que parecia, segundo a crítica, ir contra a arquitetura como manifestação.

Inspirados nos jardins ingleses já citados, surgiram jardins e quiosques em toda a Europa.

No âmbito da reflexão sobre o “fazer arquitetônico” houve tentativas de caracterizar e nomear as tendências e as mesclas. Contudo, a arquitetura romântica ficou historicamente registrada como pouco criativa e bastante confusa em seus resultados.

Uma das construções românticas mais famosas é o Castelo da Neuschwanstein, construído por determinação do rei Ludwig II da Baviera, tido como louco. Tentativa de resgate dos padrões medievais, com ênfase no gótico, o castelo iconiza toda a exuberância das mesclas arquitetônicas românticas.



Castelo de Neuschwanstein (fontes: <http://www.allgaeu-bilder.de>)

De outro lado, surgem entre os românticos as primeiras reflexões sobre a interferência da industrialização na arquitetura. Lembremos que o século XIX foi pródigo em conquistas tecnológicas e isso, é claro, iria influenciar filósofos e artistas a repensarem a condição humana. John Ruskin e William Morris criam o movimento Arts & crafts (“Artes e ofícios”) e propõem estudos que verifiquem a viabilidade de se conciliar o progresso industrial e o artesanato.

Em Portugal, encontramos os jardins de cidade e os jardins cemitérios. São típicos da arquitetura romântica portuguesa o azulejo nas fachadas, o calçamento em branco e negro das ruas, a construção de edifícios governamentais que buscam exaltar a identidade cultural portuguesa. O Palácio da Pena, em Sintra é exemplo do Ecletismo em Portugal.

Convém lembrar que o Ecletismo (ou o hibridismo) era considerado pela tradição clássica uma forma impura e imperfeita de manifestação artística. Assim, custou aos arquitetos românticos ganharem respaldo em

teorias de construção até então vigentes. Todavia, lembremos também que a mescla dará o tom da pós-modernidade e deixará de ser um recurso mal visto para tornar-se parte de processos tidos como criativos. A crítica moderna, todavia, por valorizar a ruptura total com padrões antigos, não dirigiu às manifestações arquitetônicas românticas um olhar capaz de assimilar a mescla como criativa ou inventiva. Por isso, só a partir dos anos 60 a crítica passou a considerar de forma diferente a expressão arquitetônica romântica.



Palácio da Pena, Sintra (fontes:<http://www.portugalprimecongress.files.wordpress.com>)

A HERDEIRA DA ARQUITETURA ROMÂNTICA FOI A ESTÉTICA DO ART NOUVEAU.

A escultura romântica

A escultura romântica não teve grande destaque no cenário das artes plásticas. Os monumentos funerários, os bustos de reis e militares e os elementos decorativos arquitetônicos, seguindo a tendência na arquitetura, mesclavam a tradição clássica com a herança barroca. Todavia, houve uma novidade: a introdução do interesse pela representação escultórica de animais exóticos. Esse aspecto está claramente relacionado à valorização das naturezas locais e à ênfase no Novo Mundo. Os franceses François Rude (1784-1855) e Antoine-Louis Barye (1795-1850) e o italiano Lorenzo Bartolini (1777-1850) foram os nomes mais famosos da escultura romântica.



Elefante, de Barye (fontes: <http://www.chess-theory.com>)

A MÚSICA ROMÂNTICA

A música romântica teve em Schubert, Berlioz, Liszt, Mendelssohn, Brahms, Chopin, Bizet, Donizetti e Schumann suas maiores expressões. Influenciados pelas inovações trazidas por predecessores como Haydn, Mozart e Beethoven, esses músicos exploraram as mudanças de tons e o uso de acordes de sétima diminuta. As orquestras sinfônicas se desenvolveram amplamente, assim como recebeu ênfase o virtuosismo dos músicos, fator relacionado à valorização da inventividade individual e à demonstração individual de grande domínio de uma técnica artística. Houve também o surgimento de improvisações a partir de temas populares, o que remetia a música erudita para o popular.

Fruto ainda das mesclas e interpenetrações das artes, houve um incremento das relações entre música, poesia e narrativa. Conhecido exemplo de realização romântica é a obra *Carmen*, de Bizet. Essa obra, todavia, já abria espaço para o Naturalismo, por incluir aspectos diretamente observados da rotina das camadas sociais menos privilegiadas.

O ROMANTISMO E A LITERATURA

A Alemanha nos trouxe Friedrich Hölderlin, Schlegel, Schelling, Goethe e Schiller. A Inglaterra, William Blake, Robert Burns, William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge, George Gordon (Lord Byron), Shelley, John Keats, De Quincey, Elizabeth e Robert Browning. A França, Alphonse de Lamartine, Victor Hugo, Alfred de Musset, Alfred de Vigny, Alexandre Dumas e

George Sand. A Itália, Alessandro Manzoni e Giacomo Leopardi. A Escócia, Walter Scott. A Espanha, José de Espronceda, Ramón de Campoamor, Mariano José de Larra e José Zorrilla. Portugal, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, Camilo Castelo Branco, Soares de Passos, João de Deus e Júlio Dinis. Os Estados Unidos, Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Longfellow, Nathaniel Hawthorne, Edgar Allan Poe, Emily Dickinson, Walt Whitman e Herman Melville. Os países hispano-americanos, Esteban Echeverría, Gutiérrez e Domingo Faustino Sarmiento. O Brasil, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Castro Alves, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães e José de Alencar. Tal relação de nomes, que sequer chega perto de ser completa, já é suficiente para demonstrar o “peso” do Romantismo literário. Muitos desses autores foram forças inspiradoras para a implantação da estética romântica, como é o caso de Goethe e de Blake. Outros, como Lord Byron e Victor Hugo, inspiraram e influenciaram muitos escritores românticos ocidentais. Outros, ainda, tiveram como missão expandir e transformar o Romantismo, como se deu com Edgar Allan Poe, por exemplo.

Os últimos 25 anos do século XVIII marcaram os primeiros momentos do Romantismo como escola literária na Europa. O romance Werther de Goethe (1749-1832), publicado na Alemanha em 1774, lançou as bases definitivas do sentimentalismo romântico e do escapismo pelo suicídio. O romance de Goethe, ao narrar, com o recurso da presença de cartas dentro do romance e a ênfase na primeira pessoa, os infortúnios de um jovem apaixonado que não conseguiu realizar suas expectativas amorosas e, por isso, tragicamente, recorreu ao suicídio, marcou toda uma geração e, para o choque do próprio Goethe, inspirou muitos suicídios na Europa. Leiamos um trecho do romance (a carta datada de “Maio 22”, que Werther dirige ao amigo Wilhelm), para conferirmos a “tônica romântica”:

Maio, 22

A vida humana não passa de um sonho. Mais de uma pessoa já pensou nisso. Pois essa impressão também me acompanha por toda a parte. Quando vejo os estreitos limites onde se acham encerradas as faculdades ativas e investigadoras do homem, e como todo o nosso trabalho visa apenas a satisfazer nossas necessidades, as quais, por sua vez, não têm outro objetivo senão prolongar nossa mesquinha existência; quando verifico que o nosso espírito só pode encontrar tranqüilidade, quanto a certos pontos das nossas pesquisas, por meio de uma resignação povoada de sonhos, como um presidiário que adornasse de figuras multicoloridas e luminosas perspectivas as paredes da sua cela... tudo isso, Wilhelm, me faz emudecer. Concentro-me e encontro um mundo em mim mesmo! Mas, também

aí, é um mundo de pressentimentos e desejos obscuros e não de imagens nítidas e forças vivas. Tudo flutua vagamente nos meus sentidos, e assim, sorrindo e sonhando, prossigo na minha viagem através do mundo.

As crianças - todos os pedagogos eruditos estão de acordo a este respeito - não sabem a razão daquilo que desejam; também os adultos, da mesma forma que as crianças, caminham vacilantes e ao acaso sobre a terra, ignorando, tanto quanto elas, de onde vêm e para onde vão. Não avançam nunca segundo uma orientação segura; deixam-se governar, como as crianças, por meio de biscoitos, pedaços de bolo e ameaças. E, como agem por essa forma, inconscientemente, parece-me, que se acham subordinados à vida dos sentidos.

Concordo com você (porque já sei que você vai contraditar-me) que os mais felizes são precisamente aqueles que vivem, dia a dia, como as crianças, passeando, despindo e vestindo as suas bonecas; aqueles que rondam, respeitosos, em torno da gaveta onde a mãe guardou os bombons, e quando conseguem agarrar, enfim, as gulodices cobiçadas, devoram-nas com sofreguidão e gritam: “Quero mais!” Eis a gente feliz! Também é feliz a gente que, emprestando nomes pomposos às suas mesquinhas ocupações, e até às suas paixões, conseguem fazê-las passar por gigantescos empreendimentos destinados à salvação e prosperidade do gênero humano. Tanto melhor para os que são assim! Mas aquele que humildemente reconhece o resultado final de todas as coisas, vendo de um lado como o burguês facilmente arranja o seu pequeno jardim e dele faz um paraíso, e, de outro, como o miserável, arfando sob seu fardo, segue o seu caminho sem revoltar-se, mas aspirando todos, do mesmo modo, a enxergar ainda por um minuto a luz do sol... sim, quem isso observa à margem permanece tranqüilo. Também este se representa a seu modo um universo que tira de si mesmo, e também é feliz porque é homem. E, assim, quaisquer que sejam os obstáculos que dificultem seus passos, guarda sempre no coração o doce sentimento de que é livre e poderá, quando quiser, sair da sua prisão.

Na Inglaterra, o Romantismo literário ganhou forças com a poesia ultrarromântica de Lord Byron (1788-1824), que iria influenciar um sem número de poetas em todo o Ocidente. Byron, em seus poemas, privilegia a visão subjetiva do mundo, enfatizando sentimentos contraditórios. A crítica também aponta em seus poemas uma tendência ao tom macabro, como veremos no poema abaixo citado. Sua fama também ganhou mais contundência por aspectos de sua vida. Coxo desde menino, sempre envolvido em situações amorosas conturbadas e acusado de incesto, Byron acabou alistando-se numa guerra na Grécia contra a opressão turca, onde morreu. Esse “heroísmo” o levaria a ser ídolo de muitos escritores românticos.

Versos Inscritos numa Taça Feita de um Crânio
Tradução de Castro Alves

Não, não te assustes: não fugiu o meu espírito
Vê em mim um crânio, o único que existe
Do qual, muito ao contrário de uma fronte viva,
Tudo aquilo que flui jamais é triste.

Vivi, amei, bebi, tal como tu; morri;
Que renuncie e terra aos ossos meus
Enche! Não podes injuriar-me; tem o verme
Lábios mais repugnantes do que os teus olhos.

Onde outrora brilhou, talvez, minha razão,
Para ajudar os outros brilhe agora e;
Substituto haverá mais nobre que o vinho
Se o nosso cérebro já se perdeu?

Bebe enquanto puderes; quando tu e os teus
Já tiverdes partido, uma outra gente
Possa te redimir da terra que abraçar-te,
E festeje com o morto e a própria rima tente.

E por que não? Se as fontes geram tal tristeza
Através da existência -curto dia-,
Redimidas dos vermes e da argila
Ao menos possam ter alguma serventia.

Como vimos, coube à Inglaterra e à Alemanha o papel de iniciar a nova tendência, e à França, por seu papel revolucionário e os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade, a função de divulgar e ampliar as fronteiras do Romantismo. Entre os escritores franceses, Victor-Marie Hugo (1802-1885) foi figura destacada por seu envolvimento com a política e seus ideais de justiça social. Essa postura é visível em sua produção literária e, tal como ocorrera com o ultrarromantismo de Byron, inspirou muitos escritores românticos, desta vez, principalmente, os que enveredaram pela poesia e pela prosa social. O romance *Os miseráveis* (1862) é uma obra contundente de defesa às pessoas que integram as camadas menos privilegiadas da sociedade. Confira a fala do personagem Jean Valjean, um dos heróis do romance:

“-Meu nome é Jean Valjean. Cumpri pena como forçado das galés por dezenove anos. Há quatro dias fui libertado. Vou para Pantalier, que é o meu destino. Estou caminhando há quatro dias. Cheguei quase ao anoitecer. Fui a uma estalagem. Mas não quiseram me hospedar.

Quando cheguei, tive de apresentar meu documento na Prefeitura, como é obrigatório. E o estalajadeiro descobriu quem sou. Fui a outra e me expulsaram. Bati até à porta da cadeia e não consegui abrigo. Entrei na casinha de um cão e fugi debaixo de mordidas. Estava deitado em um banco da praça, quando uma senhora me apontou sua casa e disse para eu bater à sua porta. Que é isso aqui? Uma estalagem? Eu tenho dinheiro para pagar. É o dinheiro que ganhei em dezenove anos de trabalhos forçados. Estou exausto e faminto. Posso ficar?”

O liberalismo artístico, herdeiro dos ideais do liberalismo político, que defendia o direito natural do ser humano à liberdade, à propriedade, à segurança e à resistência a qualquer tipo de opressão, atacou e venceu a rigidez exercida pela arte aristocrática, o Classicismo.

Por seu caráter popular, o Romantismo abriu as portas da arte literária para um público maior, fator decorrente, também, da elevação do poder aquisitivo da classe média e do sucesso de um sistema de impressão de livros em escala industrial, que propiciou o alargamento do mercado consumidor. O gosto literário burguês pela leitura de textos que circulavam em jornais vendidos a preços acessíveis levou muitos escritores românticos a se dedicarem a escrever folhetins. Lembremos, meu aluno, que folhetim era a seção de um periódico que ordinariamente ocupava a parte inferior da página e que era destinada a artigos de crítica, fragmentos de romance, revista de acontecimentos, de teatros e a artigos de literatura amena. Além de escrever para os folhetins, esses autores traduziam poemas e narrativas de outros países e chegavam mesmo a publicavam seus próprios textos nesse veículo. Esse processo estabeleceu uma nova relação entre escritor e público, além de possibilitar o aparecimento de novos estilos, novos significados estéticos e novos gêneros literários (a crônica, por exemplo).

Em relação ao folclore, por exemplo, sua valorização e a do componente nacional fizeram da literatura romântica um instrumento poderoso para a construção das identidades nacionais. Através de sua literatura, cada país colocava em evidência aspectos de sua própria cultura e problemáticas ali vivenciadas, ainda que o espírito de exaltação nacionalista muitas vezes impedisse os românticos de tocarem nas questões sociais com maior profundidade.

No âmbito da poesia romântica, tem-se a visão do poeta como um arauto das inquietações populares, um mago, um profeta, um gênio ou um predestinado. Voltando-se para o que representaria a classe “plebéia”, ou o “povo”, o poeta partiria de sua subjetividade para tentar conectar-se com as angústias humanas. Por meio de sua poesia, o povo liberaria suas próprias frustrações, questionamentos e angústias. A natureza, que anteriormente já havia sido tema da literatura árcade e neoclássica, ganhava, agora, contornos pátrios. Não era mais uma natureza padronizada, extraída de molde gregos,

mas a natureza local, na qual o poeta podia encontrar a própria identidade.

No tocante à fronteira dos gêneros literários, o Romantismo está na base das transformações que levariam a literatura à modernidade, com a expansão e a transgressão dos gêneros. O diálogo entre a linguagem coloquial e a linguagem literária, os ecletismos e a inserção do popular na arte literária contribuíram fortemente para que a Literatura pudesse se libertar de modelos, e escritores e escritoras pudessem tomar as rédeas da própria criação, inaugurando formas e ampliando o potencial criativo da arte literária.

A LITERATURA ROMÂNTICA PORTUGUESA

Segundo muitos historiadores, o Romantismo em Portugal durou aproximadamente 40 anos (1825- 1865). A maior parte das historiografias literárias marca o ano de 1825, quando Almeida Garret publicou o poema *Camões* (biografia romanceada, em versos brancos), como inaugural do Romantismo português. Já a *Questão Coimbrã* ou *Questão de Bom Senso*, encabeçada por Antero de Quental, em 1865, finalizaria o período romântico. Essas datas e o modo como cada autor português desenvolveu as tendências da estética romântica serão discutidos nas aulas 2 (poesia romântica portuguesa) e 3 (prosa romântica portuguesa).

É importante saber que o romantismo português ocorreu dentro de uma atmosfera política conturbada, que compreendia as lutas pela implantação do liberalismo no país. A adesão de Portugal ao Romantismo, nesse sentido, também foi fruto da migração de muitos intelectuais portugueses para a Inglaterra e outros países da Europa, em função das ondas de retrocesso absolutista por que passava o país, que ameaçavam, com prisão e mesmo força, homens e mulheres que ousassem enfrentar publicamente as ordens impostas. Impregnados pela nova visão de mundo, esses intelectuais levariam para Portugal novas formas de expressão. Assim, o Romantismo estético viria ao encontro da necessidade de Portugal problematizar sua própria identidade e ordem social.

Para dar o tom da poesia romântica portuguesa e convidarmos a novas reflexões, encerramos com o poema “Mocidade e morte” de Alexandre Herculano.

Mocidade e morte

Solevantado o corpo, os olhos fitos,
As magras mãos cruzadas sobre o peito,
Vede-o, tão moço, velador de angústias,
Pela alta noite em solitário leito.

Por essas faces pálidas, cavadas,
Olhai, em fio as lágrimas deslizam;
E com o pulso, que apressado bate,
Do coração os estos harmonizam.

É que nas veias lhe circula a febre:
É que a fronte lhe alaga o suor frio;
É que lá dentro à dor, que o vai roendo,
Responde horrível íntimo cicio.

Encostando na mão o rosto aceso,
Fitou os olhos húmidos de pranto
Na lâmpada mortal ali pendente,
E lá consigo modulou um canto.

É um hino de amor e de esperança?
É oração de angústia e de saudade?
Resignado na dor, saúda a morte,
Ou vibra aos céus blasfémia d'impiedade?

É isso tudo, tumultuando incerto
No delírio febril daquela mente,
Que, balouçada à borda do sepulcro,
Volve após si a vista longamente.

É a poesia a murmurar-lhe na alma
Última nota de quebrada lira;
É o gemido do tombar do cedro;
É triste adeus do trovador que expira.

CONCLUSÃO

Como vimos, a palavra “Romantismo” extrapola o sentido redutor de “subjetividade amorosa” e ganha maior complexidade quando analisamos o conteúdo estético e filosófico a ela relacionado. Herdeiros do Romantismo, nós, modernos e pós-modernos, a ele devemos os primeiros atos de libertação da arte e do artista, as primeiras manifestações de consciência de nação e de identidade cultural e a reflexão sobre os estados de espírito que movem o ser humano em direção à vida e à morte.

É importante entender que a postura literária romântica, ao permitir que o texto se libertasse de séculos de racionalismo, absolutismo e impessoalismo, abriu as portas para a expressão e a criatividade individuais, fato que, mais adiante, estaria na base das transgressões modernas.

Em Portugal, o Romantismo também assumirá caráter decisivo para os rumos das transformações literárias e para a configuração de uma literatura nacional. É o que veremos a seguir.

RESUMO

As linhas gerais da estética romântica revelam que o movimento romântico foi revolucionário porque propôs uma mudança de atitude em face dos ideais de liberdade, em todas as áreas, na política, na religião, na sociedade e na literatura. Daí os autores românticos adotarem o individualismo, o egocentrismo, o sonho, a fuga através da morte, o inconformismo pela inaceitação das estruturas vigentes. A ânsia de amar em liberdade, sem quaisquer restrições, povoava o espírito romântico. As origens, no século XVIII e a difusão do movimento, no séc. XIX, nas artes, em geral, marcando as características que a definem como estética, contribuíram para o desenvolvimento das identidades nacionais. Com referência à Literatura, destacamos a importância de três escritores: Goethe, Byron e Victor-Hugo. Na literatura portuguesa, o advento do Romantismo se dá no início do século XIX, impulsionado pelo forte desejo de liberdade dos portugueses, que lutavam contra a opressão de um governo retrógrado e absolutista.

ATIVIDADES

1. Observe os quadros A Liberdade guiando o povo e A barca de Medusa. Que elementos estéticos possuem em comum? Por que ambos sugerem a temática social?
2. Leia novamente o trecho do romance de Goethe e destaque aspectos que permitem reconhecer traços do Romantismo.
3. Disserte, em três parágrafos, sobre a importância da estética Romântica para a arte ocidental, destacando aspectos próprios da arte literária.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Observe que os dois quadros retratam uma cena coletiva, envolvendo dramaticidade e liderança. O enfrentamento de situações dramáticas somado à tentativa de união coletiva assinala o espírito romântico. Observe as características da pintura romântica vistas por nós e verifique se aparecem nos quadros.
2. Releia as características românticas listadas por Almeno Bastos e Domício Proença Filho e observe se, no trecho, podemos perceber traços de subjetividade, melancolia e pessimismo, por exemplo.
3. Para realizar esta tarefa, você deve reler toda a aula e sintetizar as informações mais importantes de cada um dos itens, enfatizando, principalmente, a nova postura filosófica, a valorização do individualismo, a transgressão ao modelo clássico e o novo universo de recepção à arte literária.

AUTOAVALIAÇÃO



Depois de ler essa aula, relacionarei os principais aspectos do Romantismo, tais como: os fatores que levaram à adesão popular a essa forma de ver a vida e o mundo, perpetuando-a além dos limites do século XIX?

Sou capaz de explicar as origens e a disseminação do movimento estético e as marcas estéticas nas diferentes manifestações artísticas?

Ao observar as imagens e os textos citados compreendo, com mais facilidade, a identidade que os une e posso fazer comparações entre eles?.

PRÓXIMA AULA



Na aula seguinte, veremos como o Romantismo português é estudado pelos historiadores, em termos de divisão em gerações, estilos individuais e obras destacadas, em verso. Destacaremos poetas como Almeida Garret, Soares de Passos e João de Deus; alguns de seus poemas serão vistos e analisados, de modo que você possa conhecer mais a fundo a poesia romântica portuguesa e a herança que deixou para as manifestações posteriores.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.
- BASTOS, Alcmeno. **Poesia Brasileira & estilos de época**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- CLAUDON, Francis. **Enciclopédia do Romantismo**. Minho: Verbo.
- HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- JEAN, Georges. **A escrita, memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1962.
- _____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura brasileira**. São Paulo: Scipione, 1989.
- SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 14 ed. Porto: Porto Editora Lda., s/a .